

“Uma filósofa chamada Hiparquia”*

Clemildo Anacleto da Silva**

RESUMO: Esse artigo visa mostrar a decisão de uma mulher, chamada Hiparquia, em seguir a filosofia e modo de vida dos filósofos cínicos. Destaca sua opção, coragem e determinação em não aceitar o “destino” que lhe era proposto pela sociedade da época, bem como não aceitar ser considerada inferior ou destinada aos trabalhos “domésticos”. Seu estilo de vida influenciou, decidiu, marcou e fez história.

PALAVRAS-CHAVE: Filósofa cínica, mulher e filosofia.

ABSTRACT: The text to intend to show the decision of a woman, called Hiparquia, in following the philosophy and way of life of the cynical philosophers. It emphasize its option, courage and determination in not accepting the “destination” that it was considered for the society of the time, as well as not accepting to be considered inferior or to be destined to “the domestic” works. Its style of life Influenced, decided, marked and made history.

KEYWORDS: Cynical philosopher, Woman and Philosophy.

Introdução

Esse texto tem por objetivo apresentar e comentar sobre uma mulher chamada Hiparquia e sua atuação como filósofa. Somente com muito esforço alguém lembrará do nome de alguma mulher filósofa. Por isso mesmo digo que apresentarei, visto que ela é desconhecida. Farei esta apresentação a partir de sua própria fala contida nas cartas. Não vou “dar voz” a Hiparquia, vou reproduzir e comentar a sua própria fala.

* Parte deste texto já foi publicada na Revista Mandrágora. Ano 2, número 7/8, São Bernardo do Campo, 2002.

** Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Mestrando pelo Centro Universitário La Salle de Canoas – RS.

Já vem de uma longa data, principalmente nos países considerados em desenvolvimento, o movimento para resgatar alguns grupos que ficaram esquecidos ou foram marginalizados pela história. Esses movimentos procuram não somente dar visibilidade, mas também reparar uma injustiça histórica, visto que a história, até então, só havia sido contada pelos vencedores, colonizadores e opressores. Deixei no masculino porque, nesse caso, são todos masculinos, mesmo porque a história é masculina. De acordo com Chossot, “parece que se pode concluir que não é apenas a Ciência que é predominantemente masculina, mas a civilização, há alguns milênios.” (CHASSOT, 2006, p. 24). Desta forma, os heróis ou heroínas do povo, as mulheres, escravos(as), negros(as) e índios(as) etc. não apareciam ou apareceram de forma negativa.

Na década de 1960 surge na América Latina vários grupos ligados à Filosofia e à Teologia da Libertação que visavam discutir a realidade a partir da nossa realidade, ou seja, a realidade do oprimido e dos excluídos. Não é à toa que neste período surgem discussões sobre Filosofia Latino Americana, Teologia Negra, Teologia Feminista etc.

As mulheres, embora participando e comungando com esta leitura, perceberam que mesmo fazendo uma interpretação da realidade a partir dos excluídos, algumas categorias ou algumas discussões eram específicas ou próprias a determinados grupos. O estudo a partir do marco feminista dá origem a outro debate: o debate a partir de gênero.

As mulheres perceberam que o paradigma dos oprimidos ou excluídos não contemplava especificamente as mulheres. Os companheiros que participavam das lutas sindicais ou partidárias eram os mesmos que também oprimiam suas mulheres em casa ou no trabalho. A simples conscientização política já não era garantia para uma relação de igualdade, respeito e reconhecimento entre o feminino e o masculino. Portanto, a conscientização política não se constituía em garantia de relações transformadora entre homens e mulheres.

Neste contexto, portanto, surge o debate sobre a categoria de gênero. Há dezenas de definições para discussão a partir de gênero. Em todo caso, como dissemos, a preocupação principal deste texto será apresentar a filósofa Hiparquia e sua contribuição para a discussão filosófica.

O texto procura mostrar a decisão de uma mulher chamada Hiparquia em seguir a filosofia e o modo de vida dos filósofos cínicos. Ressalta-se sua opção, coragem e determinação em não aceitar o “destino” que lhe era proposto pela sociedade da época, bem como não aceitar ser considerada inferior ou destinada aos trabalhos domésticos. Seu estilo de vida influenciou, decidiu, marcou e fez história.

Uma filósofa cínica

A intenção deste artigo é mostrar a participação de mulheres no movimento filosófico denominado cinismo¹. Para tanto, reproduziremos algumas cartas. Na verdade, só temos o testemunho de uma mulher, no entanto não significa que era a única. A sua contribuição levou muitos homens a pensar ou repensar seus modos de vida. Não vamos encontrá-la falando, pois poucas vezes ela se manifesta. Na maioria das vezes, alguém está falando por ela. Em apenas uma carta podemos constatar sua fala.

Essas cartas fazem parte de uma coleção publicada por Abraham Malherbe. São cartas que falam a respeito de uma mulher chamada Hiparquia que resolveu assumir a vida cínica e se tornar filósofa. Parece que, após algum tempo levando uma vida itinerante seguindo Crates, ela deve ter se cansado e resolvido permanecer em casa. Não conformado com essa ideia, Crates escreve algumas cartas tentando dissuadi-la dessa decisão.

No entanto, também é possível imaginar que Hiparquia tenha deixado de acompanhá-lo por estar grávida, pelo menos é o que deixa transparecer a carta 33 do texto de Malherbe (Epístolas Cínicas). Nessas condições, ela deve ter concluído que seria melhor conseguir um lugar tranquilo para ter sua criança. Porém, mesmo depois da criança ter nascido ela deve ter preferido permanecer no seu lugar.

Ao resgatar essas cartas tenho comigo a impressão que esse movimento deseja responder as seguintes questões: Quem poderá impedir essa mulher de traçar o caminho de sua vida? Quem poderá impedi-la de ter acesso ao conhecimento e de atuar na vida pública? Portanto, é nessa direção que pretendo analisar esses textos. Fazemos questão de citá-los integralmente devido ao fato de termos essas versões apenas em inglês ou grego. Sendo assim, creio que as(os) leitoras(es), além de poderem contar com o material em sua própria língua, poderão também tirar suas próprias conclusões.

Abandonando a máquina de costura.

Antes de comentarmos outras cartas, vamos entender como tudo começou. Certamente ela não foi a única mulher filósofa. Apesar de quase nada sabermos a respeito de outras mulheres, é importante que seus nomes sejam conhecidos,

¹ O cinismo surge com Antístenes, discípulo de Sócrates, no século IV a.C. No entanto, é Diógenes quem se tornará mais conhecido, pelo fato de assumir verdadeiramente uma vida cínica. A propósito, o nome cínico, provavelmente deriva do termo grego *kyon* (cão). O seu jeito de agir e de se comportar deve ter contribuído e reforçado a ideia do filósofo “cão”. Caracterizavam-se por seu visual; andavam descalços, com um manto, um bastão e uma sacola. Seu modo de vida estava baseado na natureza, ou seja, imitavam a natureza. O início do cinismo (séc. IV até o fim do III a.C) está documentado por Diógenes Laércio no sexto livro de sua obra: *Vida dos Filósofos Ilustres*. Há uma edição em português publicada pela Universidade de Brasília. Quem desejar conhecer melhor, deve consultar o livro de DUDLEY, Donald R A *History of Cynicism*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.

como resgate histórico e para pesquisas posteriores. Dudley menciona os nomes de “Salon, companheira de Aspasia, Lastenea de Mantinea e Axiotheia de Phlious como sendo discípulas da academia; Aristipo também informa que instruiu sua filha nos caminhos da filosofia” (DUDLEY, 1967, p. 50). Como dissemos, certamente não foi a primeira filósofa, mas a primeira que resolveu adotar o modo de vida cínico.

Hiparquia, irmã de Metroclés, sentiu-se também atraída pelas doutrinas dessa escola; ambos nasceram em Marôneia. Ela se apaixonou pelas teorias e pela maneira de viver de Crates, não dando atenção a qualquer de seus pretendentes, nem à riqueza, nobreza de nascimento ou beleza dos mesmos; para ela, Crates era tudo. Hiparquia chegou a ameaçar seus pais, dizendo que se mataria se não lhe fosse dada em casamento. Os pais dela suplicaram então a Crates que a dissuadisse de seus propósitos, e este recorreu a todos os expedientes, finalmente, vendo que não era bem-sucedido, levantou-se e tirou diante dela toda a sua roupa, dizendo: “Eis o futuro esposo, e aqui estão os teus bens; decide, portanto, pois não poderás ser a minha consorte se não te adaptares ao meu modo de viver.”

A moça escolheu, e adotando as mesmas roupas passou a andar com seu marido, unindo-se com ele em público e indo juntos a jantares. E foi num banquete em casa de Lisímacos que ela refutou Teôdoros, cognominado o Ateu, usando o seguinte sofisma: “O que Teôdoro faz sem ser considerado injusto, Hiparquia também faz sem ser considerada injusta; Teôdoros não comete uma injustiça ferindo-se a si mesmo; logo, Hiparquia também não comete uma injustiça ferindo Teôdoros.” Este não levantou qualquer objeção, mas procurou tirar-lhe a roupa; Hiparquia não demonstrou o menor espanto ou perturbação, como haveria feito outra mulher. Quando Teôdoro lhe disse: Quem abandonou a lançadeira junto ao tear? Hiparquia respondeu: “Fui eu, Teôdoros, mas acreditas que tomei uma decisão errada se dediquei à minha educação o tempo que teria dedicado ao tear?” (LAÉRTIOS, 1988, p. 177).

Esse texto é importante por dois motivos. Primeiro, porque são poucos os textos cínicos em que a mulher aparece de forma tão explícita e decidida. É sabido que, em geral, os cínicos não fechavam seus ensinamentos às mulheres. No entanto, somente aqui uma mulher é lembrada e apresentada como filósofa. Segundo, o texto é importante por causa da resposta da mulher. Além de rejeitar as riquezas para seguir a vida cínica, ela fundamenta sua decisão dizendo que mulher não sabe só tear, mas também filosofar. Ela rejeita viver o destino que estava traçado para as mulheres, ou seja, o serviço doméstico. Ela quer participar das discussões. A resposta dela é desconcertante. Deixa Teodoros sem saída. Ele não poderia responder afirmativamente porque estaria dizendo que também tomou a decisão errada e, se negasse, estaria concordando com Hiparquia.

Numa sociedade em que nem mesmo a todos os homens é dada a oportunidade de participar da vida pública, esta mulher revoluciona os costumes quando decide participar da filosofia, principalmente num grupo tão radical.

Estou devolvendo a túnica que você teceu e me enviou pois aqueles dentre nós que vive uma vida de perseverança estão proibidos de vestir tais coisas, e eu faço para que possa fazê-la desistir dessa tarefa a qual você tem se submetido com tanto ardor para que os outros a vejam como alguém que ama seu marido. Agora, se eu me casei com você por essa razão, você estaria certamente agindo apropriadamente e seu ardor seria bem visível a mim nisso. Mas já que me casei com você em consideração à filosofia, pela qual você mesma tem ansiado, renuncie a tais buscas e tente ser de grande benefício à vida humana. Para isso você aprendeu tanto comigo quanto com Diógenes (MALHERBE, 1977, p. 81).

No primeiro instante, tais palavras parecem soar uma grande grosseria, indelicadeza. O cínico não costumava levar duas túnicas. A mesma túnica era usada até não ter mais utilidade. Só pedia aquilo que iria usar no momento. Nada devia ser usado se não houvesse necessidade. Além disso, parece que Crates também está tentando convencer a sua companheira a tomar uma decisão. É verdade, como dissemos, que mesmo sendo uma posição interessante esta de Crates, ainda assim é sempre o homem quem está apontando o que ele acha que é o melhor para sua companheira. Mas mesmo assim podemos tirar algum conhecimento da realidade feminina deste período.

Crates diz que o que desencadeou o seu interesse por ela foi a opção que ela fez pelo mesmo modo de vida e não os cuidados que ela teria para com o seu marido ou o tempo que iria doar ou se dedicar aos cuidados dele. Dedicando-se à filosofia ela teria muito mais utilidade. A preocupação com Crates não é tão útil quanto a decisão de ser filósofa. Sendo filósofa ela se libertaria desses afazeres e seria útil para muita gente e não apenas para uma pessoa. O seu objetivo deveria perseguir o desejo de ser útil à humanidade e a si mesma. Esse “ser útil” à humanidade não tem nada a ver com se encaixar nos valores da sociedade e servir como modelo de “mulher virtuosa”. Até porque o modo de vida cínica contrastava com os valores da sociedade de seu tempo.

Ainda nessa mesma linha dos “serviços domésticos”, há uma outra carta que diz o seguinte:

Alguns têm vindo de sua parte trazendo uma nova túnica, que eles dizem que você fez para que eu tenha para o inverno. Devido a você se importar comigo, eu aprovei você, mas devido a você ainda não estar educada e não estar praticando a filosofia que lhe ensinei, eu te censuro. Portanto, desista de fazer isso agora mesmo, se você realmente se importa, não se orgulhe desse tipo de atividade, mas tente fazer as coisas pelas quais você quis se casar comigo. E deixe a fiação, que é de pouco benefício, para outras mulheres que não têm desejado as coisas que você deseja (MALHERBE, 1977, p. 82).

Crates aceita a túnica, mas faz questão de dizer que aceitou porque ela (Hiparquia) ainda não estava praticando a filosofia. No momento em que começar a prática da vida cínica, não há mais motivos para se dedicar ao tear. Essa era uma tarefa para as mulheres que não desejavam ser filósofas. E ainda insiste: ‘Não se atenha nem se glorie dessa atividade.’ Evidentemente que aqui não

há nenhuma discussão entre atividade doméstica e atividade intelectual. Vale salientar que a sociedade desta época não deixava muitas alternativas para as mulheres. O destino delas estava praticamente traçado. Fazer filosofia, aderir a um modo de vida itinerante, abandonar a família e conviver noutra grupo era uma atitude muito radical, de rompimento e negação do futuro destinado às mulheres.

As mulheres não são, por natureza, inferiores aos homens.

As mulheres não são, por natureza, inferiores aos homens. As Amazonas, pelo menos, que têm realizado façanhas tão grandes, não têm deixado de corresponder aos homens em nada. Então, se você lembrar dessas façanhas, não as deixe por realizá-las. Já que você não nos convenceria de que está debilitada em casa! Além disso, seria vergonhoso, já que você tem adotado a vida cínica com seu marido, tanto nos portais quanto com respeito a sua opulência, mudar sua opinião agora e voltar na metade do caminho (MALHERBE, 1977, p. 82).

Essa é uma frase muito óbvia para o nosso pensamento moderno. Não seria necessário nem comentar. No entanto, se levarmos em conta a época em que foi dita, verificaremos que foi um grande avanço. É um avanço considerável para a sociedade do primeiro século da era cristã. É verdade que alguns filósofos já haviam feito afirmações semelhantes quando se preocuparam em descobrir o ser das coisas ou as essências dos seres.

A essência do ser humano não reside em ser homem ou mulher. Homem/mulher é uma qualidade que não interfere na essência do ser. Essa carta reflete o pensamento cínico e contesta o pensamento de Aristóteles², para o qual uns nascem para ser senhores, outros para ser servos, uns para mandarem e outros para obedecerem. Portanto, para os cínicos, ser escravo, mulher, pobre etc. não interfere na condição de ser humano.

Se o ser humano tem uma essência que o identifica como tal, então essa essência é igual para todos. A essência do ser humano homem não pode ser diferente do ser humano mulher. Portanto, ninguém nasce inferior ou superior a outro. Somos compostos da mesma essência. A mesma substância que dá forma ao homem também dá a mulher porque ela (a substância) é a forma do ser humano.

² Em sua obra *Política*, Aristóteles defende que “mandar e obedecer são condições não somente inevitáveis mas também convenientes. Alguns seres, com efeito, desde a hora de seu nascimento são marcados para ser mandados ou para mandar... Entre os sexos também o macho é por natureza superior e a fêmea inferior; aquele domina e esta é dominada; o mesmo princípio se aplica necessariamente a todo o gênero humano. (...) É um escravo por natureza quem é susceptível de pertencer a outrem (e por isso é de outrem), e participa da razão somente até o ponto de aprender esta participação” (ARISTÓTELES, 1985, p. 18-19).

Para convencer Hiparquia, Crates lança mão do mito das Amazonas³. Ele quer enfatizar a autonomia das mulheres. Evidentemente que nos dias atuais as mulheres não gostariam de ser comparadas com as Amazonas, principalmente porque elas estão copiando um modelo costumeiramente denominado como masculino, portanto se espelhando no que havia de pior: a brutalidade. Mas aqui Crates quer enfatizar o poder de decisão e autonomia.

Crates insiste mostrando a Hiparquia que, por mais que ela queira passar uma visão de um ser frágil, não conseguiria, já que também não iria convencê-los de sua debilidade justificando sua permanência em casa. A carta tenta convencê-la a não abandonar o modo de vida cínico; não está tentando fazer as pazes com o marido. Não está tentando convencê-la a seguir seu marido e sim não abandonar o modo de vida e o caminho filosófico que ela decidiu seguir.

Apesar de ser mulher...

A carta a seguir ainda se refere a Hiparquia. E como já mencionamos antes, deixa margem para pensar que ela não era a única.

Eu a admiro por sua garra nisso apesar de ser uma mulher, você escolheu a filosofia e se tornou uma das nossas que tem vencido até mesmo homens no que diz respeito a austeridade. Mas seja perseverante para finalizar o que você tem começado. E você irá vencer, tenho certeza, se você não for ultrapassada por Crates, seu marido, e se você me escrever freqüentemente, seu benfeitor em filosofia. Já que cartas são de grande valor e não são inferiores às conversas com pessoas realmente presentes. (MALHERBE, 1977, p. 95).

Assim como hoje, naquela época a mulher também tinha que provar sua competência. Por isso encontramos expressões como “mesmo sendo mulher”, “você consegue até mesmo vencer homens.” Mesmo sabendo também que ela já havia “ultrapassado” Crates, seu marido. A carta informa que Hiparquia era “uma das nossas”, isso quer dizer que outras já estavam participando. Mesmo apresentando estas expressões não muito favoráveis, é necessário lembrar que a ironia era um componente fundamental da filosofia cínica.

Quando Diógenes utiliza a expressão “benfeitor” devemos lembrar que estamos falando de uma sociedade em que a relação de apadrinhamento era muito forte. O apadrinhamento se caracterizava pela obediência e favores que o apadrinhado devia ao seu padrinho. Esta era uma prática comum no mundo político da época. O cinismo coloca a liberdade acima de qualquer custo, além do mais o “benfeitor” nessa relação de apadrinhamento não pede nem sugere, manda. Por

³ As Amazonas eram conhecidas na mitologia como mulheres guerreiras, fortes e valentes. Habitavam a região próxima ao Danúbio. Subjugaram os homens colocando-os aos seus serviços. Diz a lenda que não casavam com homem nenhum. Quando tinham filhos era apenas para dar continuidade a espécie, assim mesmo matavam meninos ou os mutilavam. Eram exímias com arco e flecha. Muitas retiravam um dos seios para melhor utilizar o arco.

isso, cremos que aqui Diógenes está ironizando. E isso pode ser visto de forma ainda mais clara quando diz que a comunicação escrita não é inferior a conversações com pessoas presentes. Novamente ele joga com a idéia de valor, ou seja, o valor de uma coisa não está na sua diferença mas em alcançar os mesmos objetivos. Por isso, para participar da sociedade, ser filósofa, decidir sua vida, tornar-se um ser humano de verdade, a categoria homem/mulher não é a mais importante.

Considerações finais

Como já dissemos, não existem muitos textos da própria Hiparquia, são pessoas que falam a seu respeito e, às vezes, até mesmo falam por ela. Nossa intenção foi mostrar a contribuição de uma mulher dentro de um movimento filosófico. A importância para o movimento e para a sociedade deve ter sido grande, pois uma cidade trocou de nome e passou a se chamar Hiparquia.

Vocês fizeram bem quando mudaram o nome da cidade e, ao invés de Maroneia, a chamaram de Hipparchia, seu nome atual, já que para vocês, é melhor que se chame Hipparchia, uma mulher certamente, mas filósofa, do que Maron, um homem que vende vinho (MALHERBE, 1977, p. 172).

Não se trata apenas de uma troca de nomes. O que está em jogo são também os valores. E aqui não me refiro aos valores morais impostos pela sociedade, até porque os cínicos não eram bem vistos nesse sentido. O texto deixa claro que as qualidades de uma pessoa se dão também pelos seus valores. Mulher e homem são seres iguais em sua essência. Hiparquia não deixa de ser mulher por ter assumido a condição de filósofa, assim como Maron não deixa de ser homem por ser comerciante. Não devemos imaginar que pelo fato de uma pessoa não possuir “as qualidades” que julgamos serem as melhores ele/ela não seja ninguém. Além de ser um comerciante, Máron também teve seu nome provavelmente inspirado em “um bravo guerreiro que combateu na guerra entre os persas e os lacedemônios. Espartano que se distinguiu nas Termópilas” (HERÓDOTO, 1985, p. 613). Portanto aqui há uma comparação não somente entre homem e mulher, mas de valores que essas duas pessoas agregam.

Também foi possível constatar que a mulher é vista como companheira, atuante, decidida, determinada; que faz opção, que volta atrás, que participa, que ensina etc. Ao mesmo tempo, há uma preocupação em estar sempre lembrando que a mulher não é inferior ao homem. Entendemos essa preocupação porque este tipo de literatura (as cartas) também servia como propaganda do movimento. Hiparquia é uma mulher que vive intensamente a sua vida sem ter que abrir mão de outras coisas. Vive intensamente sua vida como mulher. A preocupação do movimento para que ela não desista revela também a sua importância para o grupo. Os “afazeres domésticos” não deve ser o objetivo de vida de ninguém. Ela é muito mais útil como filósofa. Ela fez a opção por uma vida de “cão”, que,

com certeza, se não era melhor do que o modo de vida de sua família, pelo menos demonstrou seu poder de decisão, já que a liberdade era algo muito mais problemático para a mulher. A mulher sempre esteve dependendo de alguém (marido, filhos ou outros parentes) porque dizia a lei de Manu: “A mulher nunca deve governar-se à sua vontade” (COULAGES, 1995, p. 90).

Referências

- ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- CHASSOT, Attico. *A ciência é masculina?* São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- COULAGES, Fustel. *A cidade antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- DUDLEY, Donald R. A. *History of Cynicism*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.
- HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. (Coleção Biblioteca Clássica UnB 8).
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UnB, 1988.
- MALHERBE, Abraham J. *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977.